

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

VIOLÊNCIA SEXUAL: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CÁCERES/MT

Cátia Aparecida Miguel Fernandes, Maria do Horto Salles Tiellet

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11674>

Submetido em: 2025-04-07

Postado em: 2025-04-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Rosely A. Romanelli (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1024-9833>)

Artigo

VIOLÊNCIA SEXUAL: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CÁCERES/MT

CÁTIA APARECIDA MIGUEL FERNANDES¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9240-6988>
<catia.a.miguel40@gmail.com>

MARIA DO HORTO SALLES TIELLET²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1794-7271>
<mariahtiellet@gmail.com>

¹ Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cáceres, Mato Grosso(MT), Brasil.

² Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso(MT), Brasil.

RESUMO: Este artigo aborda o tema da violência contra a criança e o adolescente focando, especialmente, a violência sexual. O objetivo foi conhecer a percepção dos professores do Ensino Fundamental dos anos finais, graduados em Ciências Biológicas. Também trata do papel da escola nesse enfrentamento, e a violência sexual como objeto de conhecimento da unidade temática Vida e Evolução do componente curricular Ciências. A coleta de dados ocorreu através de fontes documentais para identificar o bairro com maior registro de violência sexual contra crianças e adolescentes e a entrevista por pauta. Foram selecionados quatro sujeitos significativos em duas escolas públicas de Ensino Fundamental de redes públicas diferentes. Quanto ao procedimento de sistematização e análise utilizou-se o fenomenológico de Maria Aparecida Bicudo. Constatou-se que, embora a unidade temática Vida e Evolução possibilitasse discutir a prevenção e o cumprimento da obrigação de proteger e cuidar da criança e do adolescente, apresentando, a estes, o conhecimento e informações sem preconceito ou moralismos, habilitando-os a criar estratégias de defesa, a se fortalecer e se prevenir contra relações abusivas em diferentes situações da vida social, a maioria dos professores, por diferentes motivos, têm dificuldade de lidar com quem sofre violência.

Palavras-chave: escola, violência sexual/abuso sexual, professor de ciências biológicas, práticas pedagógicas.

SEXUAL VIOLENCE: THE PERCEPTION OF NATURAL SCIENCE TEACHERS OF THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL OF THE PUBLIC SCHOOL NETWORK IN THE MUNICIPALITY OF CÁCERES/MT

ABSTRACT: This article approaches the theme of violence against children and adolescents, by focusing on sexual violence with the aim of learning the perception on this issue by teachers of Elementary School final years, who have an undergraduate degree in Biological Sciences. It also addresses the role of the school in facing this problem and the sexual violence as an object of knowledge in the Life and Evolution thematic unit within the Science curriculum. The data collection was carried out through documental sources to identify the neighborhood with the highest records of sexual violence against children and adolescents, and through interview per topic. Four significant subjects have been selected at two public elementary schools from different public networks. As to the systematization and analysis procedure, the phenomenological one by Maria Aparecida Bicudo has been used. It has been found out that although the Life and Evolution thematic unit enabled the teachers to discuss prevention and the fulfillment of the obligation to protect and care for children and adolescents by introducing them to knowledge and

information without prejudice or moralism and allowing them to create defense strategies to strengthen them and prevent themselves against abusive relationships in different situations of social life, most teachers, for different reasons, find it difficult to deal with pupils who undergo violence.

Keywords: school, sexual violence and assault, biological sciences teacher, pedagogical practices.

VIOLENCIA SEXUAL: LA PERCEPCIÓN DE LOS PROFESORES DE CIENCIAS DE LA NATURALEZA DE LOS ÚLTIMOS AÑOS DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL DE LA RED DE ESCUELA PÚBLICA EN EL AYUNTAMIENTO DE CÁCERES/MT

RESUMEN: Este artículo aborda el tema de la violencia contra los niños y adolescentes, centrándose en particular en la violencia sexual, con el objetivo de conocer la percepción sobre esta cuestión de los profesores de los últimos cursos de la Enseñanza Fundamental, licenciados en Ciencias Biológicas. También plantea el papel de la escuela frente a este problema y la violencia sexual como objeto de conocimiento en la unidad temática Vida y Evolución dentro del currículo de Ciencias. La recolección de los datos se realizó a través de fuentes documentales para identificar el barrio con mayores registros de violencia sexual contra los niños y adolescentes y por medio de entrevista por tema. Se han seleccionado cuatro sujetos significativos en dos escuelas públicas de la Enseñanza Fundamental de distintas redes públicas. En cuanto al procedimiento de sistematización y análisis, se utilizó lo fenomenológico de Maria Aparecida Bicudo. Se constató que, si bien la unidad temática Vida y Evolución permitiera a los profesores debatir sobre la prevención y el cumplimiento de la obligación de proteger y cuidar a los niños y adolescentes, presentándoles conocimientos e información sin prejuicios ni moralismos y permitiéndoles crear estrategias de defensa para fortalecerse y prevenirse contra las relaciones abusivas en diferentes situaciones de la vida social, a la mayoría de los profesores, por diferentes razones, les resulta difícil tratar con alumnos que sufren violencia.

Palabras clave: escuela, violencia/abuso sexual, profesor de ciencias biológicas, prácticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresenta-se o resultado da pesquisa que subsidiou a dissertação de mestrado intitulada “Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT”, defendida no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, no ano de 2021.

O tema desenvolvido no estudo foi a violência contra a criança e o adolescente (VCCA). Consideramos necessário que os professores conheçam os marcos legais que protegem os direitos da criança e do adolescente para que possam dar assistência digna e proteção efetiva à criança e ao adolescente após identificarem a ocorrência de violência contra eles (VCCA), independente do tipo (SANTOS; IPPOLITO, 2009). Segundo Faleiros e Faleiros (2008), a violência contra crianças e adolescentes “é praticada de várias maneiras, por diferentes autores/atores e em distintos lugares. A classificação mais usual das geralmente denominadas formas de violência é: violência física, psicológica e sexual” (p.31).

O recorte da pesquisa citada foi a violência sexual contra a criança e o adolescente, que, segundo Faleiros e Faleiros (2008), “é o abuso delituoso de crianças e adolescentes, em especial de sua sexualidade, negando, inclusive, o direito das crianças e adolescentes a sua sexualidade em desenvolvimento. É considerada um crime na nossa legislação”(p.38). As crianças, ou adolescentes, são

usadas para a gratificação de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, com base em uma relação de poder, podendo acontecer de várias formas.

[...] através do contato físico, ou seja, por meio de carícias não desejadas, penetração oral, anal ou vaginal, com o pênis ou objetos, masturbação forçada, dentre outros; e sem contato físico, por exposição obrigatória a material pornográfico, exibicionismo, uso de linguagem erotizada em situação inadequada (FALEIROS; FALEIROS, 2008, p.39).

Atualmente, a violência sexual contra a criança e o adolescente (VSCA) tem mobilizado diversos segmentos sociais, com o intuito de elaborar formas de enfrentá-la. A VSCA tem recebido atenção de diferentes áreas do conhecimento, da saúde e também da área de educação, direcionando estudos à escola e aos seus profissionais, os quais têm papel importante na rede de proteção integral à criança e ao adolescente, pois, a escola, tendo a sua responsabilidade social ampliada, permite que os sintomas da VCCA, muitas vezes, sejam percebidos.

A pesquisa em pauta é na área de educação, com destaque para o componente curricular – Ciências –, dos anos finais do Ensino Fundamental. O objetivo é conhecer a percepção dos professores do Ensino Fundamental dos anos finais, graduados em Ciências Biológicas, sobre a violência contra a criança e o adolescente, com destaque para o papel da escola nesse enfrentamento e sobre a violência sexual como objeto de conhecimento da unidade temática Vida e Evolução do componente curricular Ciências. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina que no Ensino Fundamental a escola tenha o compromisso “de propiciar uma formação integral, balizada pelos direitos humanos e princípios democráticos, [e] considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas” (BNCC, 2017, p.61).

Para a escolha da rede de ensino e, em consequência, das escolas a serem pesquisadas, foram utilizados os seguintes procedimentos: identificação, através de dados do Conselho Tutelar (CT), dos bairros do município de Cáceres/MT com maior registro de violência sexual contra crianças e adolescentes, no período de 2015 a 2019 (Tabela 1).

Tabela 1 – Total de registros no CT, segundo a natureza da VSCA e o gênero da vítima, no período de 2015 a 2019, de denúncias feitas pelas escolas localizadas nos bairros do município de Cáceres-T.

Ano	Sexo		Violência sexual			
	Masculino	Feminino	Abuso sexual	Estupro	Sedução	Ato Obsceno
2015	–	–	–	–	–	–
2016	1	3	2	2	–	–
2017	1	2	2	1	–	–
2018	3	8	2	7	1	1
2019	–	13	13	–	–	–
Total	5	26	19	10	1	1

Fonte: Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT. FERNANDES(2021).

Dos 35 casos de violência sexual registrados no Conselho Tutelar pelas escolas, trinta e um casos ocorreram na sede do município de Cáceres, havendo maior ocorrência para o sexo feminino em

relação ao masculino. A maior incidência dos tipos de violência sexual contra a população infanto-juvenil foi a de abuso sexual e estupro.

Conforme os dados do Conselho Tutelar, os bairros localizados a Sudeste do município de Cáceres/MT sofreram maior incidência de VSCA, e, do total de escolas neles localizadas, duas escolas de redes públicas diferentes apresentaram o maior número de notificações. Aqui, essas escolas estão identificadas por nomes fictícios — Garça da Mata e Codorna Mineira — em alusão às aves que se encontram ameaçadas em seus habitats, estabelecendo relação com as crianças e adolescentes que também estão sob ameaça, e, em virtude disso, merecedoras, por lei, de proteção (Quadro 1).

Quadro 1 – Natureza, gênero e a quantificação das violações, período de 2015 a 2019, contra as crianças e adolescentes, nas escolas selecionadas para esta pesquisa.

Bairro	Escola	Natureza das violações	Quantidade	Sexo	
				Feminino	Masculino
GG19	E. M. Garça da Mata	Estupro	3	2	1
		Abuso sexual	2	1	1
GN09	E. E. Codorna Mineira	Estupro	6	3	3
		Abuso sexual	3	3	0
Total			14	9	5

Fonte: Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT. FERNANDES(2021).

A escola Estadual Codorna Mineira, no bairro GN09, apresentou o maior número de notificações de estupro praticado contra crianças e adolescentes de ambos os sexos. Em relação ao abuso sexual, no mesmo bairro, a ocorrência maior foi com o sexo feminino. Para Sanderson (2005), o abuso sexual acomete tanto crianças e adolescentes de ambos os sexos, mas as pesquisas demonstram a ocorrência maior em meninas. A diferença na ocorrência de violência sexual de qualquer natureza, especialmente em meninos, pode refletir subnotificação em consequência do medo ou do sentimento de vergonha de contar o que aconteceu, tanto para a família quanto para autoridades institucionais.

Esses fatos demonstram o quanto as pesquisas são importantes para que, a partir do conhecimento adquirido, se possa fazer valer todos os direitos inerentes à criança e ao adolescente. Assim, a pesquisa aqui desenvolvida foi qualitativa, descritiva, de abordagem fenomenológica, na perspectiva de Maria Aparecida Bicudo. Para Bicudo (2011), pesquisar é perseguir um problema/interrogação, cuja pergunta faz sentido e dá direção aos procedimentos para se conhecer o fenômeno investigado.

[...] Compreendemos que a interrogação subjaz a essas modalidades e que formular problemas, hipóteses e perguntas são maneiras de assumir perspectivas a partir das quais a interrogação será perseguida. Ela diz da perplexidade do investigador diante do mundo, a qual se manifesta inclusive como força que o mantém alerta, buscando, adquirindo, não se conformando com respostas quaisquer. As formas pelas quais a interrogação é explicitada são múltiplas e tem a ver com a própria formação do pesquisador e com sua concepção de mundo e de ciência. A interrogação persiste, muitas vezes, ao longo da vida do pesquisador ou mantém-se durante muito tempo com força que como a *physis*, faz brotar e manter-se sendo (BICUDO, 2011, p. 23-24).

A interrogação se dirige ao fenômeno. O fenômeno é o que se mostra, o que aparece, é o que se manifesta para a consciência. Segundo Bicudo (2011), na fenomenologia, a interrogação expressa a dúvida do pesquisador e orienta os passos a serem dados em busca da compreensão e explicação da realidade. E como a fenomenologia busca conhecer determinado fenômeno, como ele é vivido pelo sujeito, move-nos ao encontro do fenômeno da violência sexual contra a criança e o adolescente (VSCA).

Na condição de professora licenciada em Ciências Biológicas, o tema VCCA levou-me na direção do seguinte questionamento: qual a percepção dos professores graduados em Ciências Biológicas de escolas públicas do município de Cáceres-MT sobre: o papel da escola e dos objetos de conhecimento do componente curricular Ciências, e a problemática e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes (VSCA)?

A pesquisa que sustenta os dados mencionados neste artigo foi aprovada pelo CEP/Unemat através do Parecer Consubstanciado de número x.xxx.xxx

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES E A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Ao utilizar o portal de busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico, incluiu-se o operador lógico AND para os descritores violência sexual/abuso sexual contra a criança e o adolescente, e o descritor percepção dos professores, ambos no recorte temporal de 2010 a 2020.

A BDTD, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa, tem à disposição da comunidade brasileira de pesquisadores, nas diferentes áreas, um banco de dados de teses e dissertações produzidas no País e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional além de facilitar a busca de estudos sobre diferentes temas, instituições, nível acadêmico e programas de pós-graduação de diferentes regiões do país.

Ao usar o descritor violência sexual/abuso sexual contra criança e adolescente no período de 2010 a 2020 obteve-se 188 estudos, cinco deles desenvolvidos na Universidade Federal de Mato Grosso. O descritor violência sexual/abuso sexual contra criança e adolescente AND percepção dos professores, no mesmo recorte temporal, foram encontrados, na base da BDTD, mais quatro estudos, totalizando nove, desenvolvidos em várias áreas: Psicologia (1), Educação (5), Serviço Social (1), Enfermagem (1) e Saúde coletiva (1) totalizando sete dissertações e duas teses (Quadro 2).

Quadro 2 – Ano, tipo de documento, área, autor, título e instituição de defesa do estudo, período de 2010 a 2020, postado na base BDTD sobre o descritor violência sexual contra criança e adolescente AND percepção dos professores.

Ano	Tipo de documento	Área	Autor	Título	Instituição de defesa
2020	Dissertação	Serviço Social	Almeida, Erinelma de Azevedo	Rede de proteção a crianças e adolescentes em situação de violência sexual na cidade de Manaus	Universidade Federal do Amazonas
2020	Tese	Educação	Ferreira, Edna	A violência sexual contra crianças e seus desdobramentos no ambiente escolar	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2019	Dissertação	Enfermagem	Santos, Elenice Martins da Silva	Abuso sexual contra criança e adolescente: análise de inquérito	Universidade Federal de Mato Grosso
2017	Dissertação	Educação	Moraes, Julianne Caju de	Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita	Universidade Federal de Mato Grosso

			Oliveira Souza		
2016	Dissertação	Educação	Maria Aparecida da Silva	A percepção dos professores frente à violência doméstica contra a criança: um estudo de caso	Universidade do Estado de Mato Grosso
2015	Dissertação	Psicologia	Silva, Luciana Nunes da	Violência e trauma: sua relação com a saúde de estudantes universitários	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
2013	Dissertação	Saúde Coletiva	Azevedo, Alda Elizabeth Boahler Iglesias	Estudo epidemiológico de abuso sexual e fatores associados entre crianças e adolescentes assistidos no Hospital Universitário Júlio Müller, Cuiabá-MT	Universidade Federal de Mato Grosso
2012	Tese	Educação	Fernandes, Raquel Martins	O olhar, a menina dos olhos, única e total: compreensão fenomenológica do Programa Meninas dos Olhos de Deus e das dimensões da Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes em interface com a educação.	Universidade Federal de Mato Grosso
2011	Dissertação	Educação	Assunção, Admilson Mário de	Narrativas Silenciosas	Universidade Federal de Mato Grosso

Fonte: BDTD - Elaborado por FERNANDES(2021).

Citamos, aqui, apenas os estudos realizados em Mato Grosso. Destaca-se que, dos cinco estudos realizados nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT) e da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), apenas três estudos tratam do tema VSCA no estado de Mato Grosso. O estudo de Santos (2019) permite conhecer os casos de abuso sexual de crianças e adolescentes, registrados na Delegacia de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DEDDICA) de Cuiabá, no ano de 2016, e também o perfil das vítimas, famílias e agressores.

Foram analisados 137 inquéritos, os quais totalizaram 156 vítimas, a maioria do sexo feminino (92,31%), sendo a faixa etária de 10 a 14 anos a mais atingida (38,89%); a maior parte constituída por famílias de baixa renda, ou seja, com rendimento mensal de 1 a 2 salários mínimos, (34,62%), com quatro membros ou mais (57,06%); e a maioria das vítimas residiam apenas com a mãe (30,77%).[...] Os agressores, em geral, eram do sexo masculino (92,95%), com mais de 40 anos (36,54%), possuíam uma relação conjugal, casados ou conviventes (55,77%); a maior parte era de baixa renda (31,41%), em contraste com uma minoria que recebia mais de 5 salários (2,56%) e possuíam um trabalho informal (21,15%). Geralmente, autodeclararam-se católicos (23,71%) ou evangélicos (21,79%), possuíam o ensino médio completo (19,87%), eram pessoas conhecidas das vítimas e/ou seus familiares (94,23%); destes, o padrasto isoladamente respondeu pela maior parte dos abusos (21,15%) (SANTOS, 2019,p.9).

Santos (2019) também apresentou as circunstâncias envolvidas na ocorrência desses crimes.

[...]Os abusos ocorreram principalmente durante o dia (41,67%), com destaque para abusos reiterados, isto é, mais que quatro episódios (42,31%), sobre a ambiência a maior parte das vítimas dormiam no mesmo quarto que o agressor (26,67%). Quanto aos atos praticados no abuso, a maioria ocorreu por meio de atos libidinosos (79,48%), tipificados como Estupro de Vulnerável em 149 casos, com contato físico (90,38%), a maioria das vítimas (110) confirmaram terem sofrido os abusos sexuais, enquanto que a maioria dos agressores (64,55%) negaram os fatos, a maioria dos abusos ocorreu no ambiente doméstico (80,14%) (SANTOS, 2019,p.9).

Tais informações podem contribuir para a formulação de estratégias de prevenção e subsídios para enfrentar esse fenômeno. O estudo de Silva (2016), do Programa de Pós-graduação em Educação da UNEMAT sobre VCCA, com foco na violência doméstica, visou compreender a percepção dos/as professores/as frente a esse fenômeno complexo. Ao mesmo tempo, identificou o modo com que o/a professor/a tipificava a violência doméstica contra a criança em âmbito familiar e tomava para si a obrigatoriedade (dever) de cumprir o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente, isto é, proteger a criança. A autora constatou que os professores, sujeitos da pesquisa,

[...] descrevem o fenômeno, mas, impõem a si mesmos reservas quanto ao agir frente à violência contra a criança. O fenômeno não diz respeito à escola e muito menos aos/as professores/as, à medida que ele não chega a afetar o cotidiano, nem o clima escolar. A atitude de não envolvimento dos sujeitos significativos frente à violência doméstica contra a criança pode estar associada ao medo e à insegurança.

[...]

E ainda nesse contexto, as crianças que sofrem algum tipo de violências e são tratadas pelos/as professores/as com indiferença, seja para limitar a sua ação da sala de aula e dessa forma não se envolver, seja por desconhecer as formas legais de encaminhamentos ou por não construir a reciprocidade na relação com outro, não percebendo a escola como parte desse mundo (SILVA, 2016, p.9;103).

O estudo de Assunção (2011), do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT, teve o objetivo de refletir e provocar o debate sobre o abuso e a violência sexual cometida contra crianças e adolescentes do sexo masculino.

A pesquisa demonstrou que o abuso sexual acontece na maioria no próprio seio familiar e é causada por alguém do núcleo familiar, o que caracteriza abuso sexual intrafamiliar incestuoso. Diferente do que muitos acreditam, dentro do imaginário do senso comum, foi identificado que o abuso sexual intrafamiliar com crianças e adolescentes do sexo masculino é cometido com maior frequência pelo pai do que pelo padrasto. Segundo a pesquisa, o abusador é o pai em 50% dos casos, enquanto que 25% dos abusos são cometidos pelos padrastos. Além de outras pesquisas revelaram o abuso cometido pelas mães e que vem crescendo cada vez mais.

[...]

É importante que o poder público desenvolva políticas públicas de ajuda, orientação e de enfrentamento ao abuso sexual. Muitas famílias trazem características semelhantes quando se trata de ocorrências de abuso sexual contra crianças e adolescentes. Dificuldades financeiras, falta de emprego, alcoolismo, analfabetismo ou pouca escolaridade, foram fatores presentes na maioria das pesquisas sobre abuso e violência sexual (ASSUNÇÃO, 2011, p.86).

Dentro do recorte temporal de 2010 a 2020 foram encontrados esses poucos estudos sobre o tema no estado de Mato Grosso, talvez pela complexidade em tratar sobre a dor e o sofrimento de crianças em espaços que deveriam protegê-las, estando sob a guarda de pessoas que deveriam cuidá-las. Os três estudos trouxeram à luz os fatores econômicos, socioambientais e culturais que originaram e alimentaram o fenômeno, e também as dificuldades, as resistências, a insegurança e o receio da coletividade (vizinhos, parentes, professores) de se envolverem com questões familiares.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Para a sistematização, análise e compreensão do fenômeno VSCA utilizou-se a abordagem fenomenológica de Maria Aparecida Bicudo (2011), constituída de dois momentos: da descrição e da redução. A descrição fenomenológica foi realizada pela leitura atenta da transcrição das entrevistas dos/as professores/as (sujeitos significativos), os quais, segundo suas vivências, expuseram as experiências e é a partir delas que se alcançou a compreensão do fenômeno que se propôs a compreender. A descrição foi mediada pela linguagem, e do material transcrito extraíram-se as unidades de sentido e de significado,

revelando a percepção sobre a VSCA dos/as professores/as graduados/as em Ciências Biológicas e que ministram o componente curricular Ciências.

Segundo Bicudo (2011), a descrição fenomenológica "uma vez expressada e comunicada, o percebido já não é mais do sujeito, mas está apresentado (dado) a comunidade, solicitando, então, procedimentos de análise e interpretação" (Bicudo, 2011, p. 45).

Já, a redução fenomenológica é o processo de descrever algo observado, selecionando as partes da descrição consideradas essenciais ao fenômeno, podendo fazer eliminações no contexto em que o fenômeno está situado, ou reduzir aquelas partes, segundo o qual se vê, como essencial, característico ou básico (BICUDO; ESPOSITO, 1994).

Definiu-se como critério de seleção dos sujeitos significativos, os professores graduados em Ciências Biológicas que ministravam a área de Ciências Naturais e, em consequência, o componente curricular de Ciências do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental das escolas selecionadas, com mais de dois anos de atuação no magistério, desconsiderando a situação funcional dos mesmos. Conforme esses critérios, foram identificados dois sujeitos em cada uma das escolas selecionadas.

As experiências vividas por esses quatro sujeitos, nomeados de Brilho, Sol, Estrela, Raio, relativas ao fenômeno da VCCA, foram transcritas para compreender a percepção sobre a VSCA e o mundo vivido, além de dar visibilidade à percepção da realidade dos sujeitos.

Quadro 3 – Sujeitos significativos

Nomes	Sexo	Idade	Tempo de magistério	Situação funcional
Brilho	F	45	23 anos	Efetiva
Sol	M	59	30 anos	Efetivo
Estrela	F	31	7 anos	Interina
Raio	F	31	2 anos	Interina

Fonte: Dissertação xxxxxx. Elaborado pela AUTORA, 2021.

Os sujeitos são atribuidores de significados e permanecem nos significados atribuídos na experiência. Trabalhar os dados, agora em forma de texto escrito, significa explicitar esses significados, cujos sentidos são intuitivos pelo investigador ao debruçar-se sobre as descrições do dito pelos sujeitos, visando compreender suas intencionalidades. (BICUDO, 2011, p. 106).

Destaca-se, seguindo a orientação metodológica de Maria Aparecida Bicudo, que as unidades de significado são formadas no momento da fala do sujeito significativo, construídas na linguagem ao expor, durante a entrevista, sua compreensão relativa ao que vivencia ou vivenciou sobre o fenômeno investigado. Para Bicudo, “esses significados afloram nas diversas formas de expressão humana que vão sendo rigorosamente analisadas e posteriormente durante o procedimento de pesquisa vão constituir categorias abertas reveladoras da estrutura do fenômeno questionado” (BICUDO, 2011, p. 75).

Assim, através do relato de cada sujeito, de suas experiências, foi possível analisar os depoimentos de modo a colocar em evidência os sentidos. Os sentidos são dados expressos nos relatos do dito pelos sujeitos significativos, é a percepção e o processo de conscientização dos/as professores/as sobre o fenômeno interrogado. Após a leitura atenta das transcrições foi possível identificar as unidades de sentido que se revelam mediante a consciência das experiências vividas pelos sujeitos, olhadas em sua totalidade, visando à estrutura do fenômeno.

Para sistematizar os dados utilizou-se, como referência, as questões provocativas da entrevista como categoria, identificando, nas respostas, na linguagem expressa, a experiência vivida dos sujeitos significativos, apresentando as unidades de sentido e unidades de significado. E foram quatro as categorias compostas:

- 1- Identificação do estudante vítima de violência;

- 2– Abordagem utilizada com os estudantes vítimas de violência;
- 3– O papel da escola e do professor no enfrentamento à VCCA;
- 4– A VSCA e a relação com o componente curricular Ciências

Categoria 1: Identificação do estudante vítima de violência

Quadro 4 – Unidades de sentido e de significado das respostas dos sujeitos significantes sobre a identificação do estudante vítima de violência.

Unidades de Sentido	Unidades de significado
Mudança de comportamento	(Brilho) Geralmente, pela mudança de comportamento do aluno, por exemplo [Pausa] sensibilidade para falar de temas que envolvam família, orientação sexual, choro, faltas às aulas, [Pausa] mas ocorre também que os outros alunos contam sobre as situações de violência por que passam os colegas.
Atitude de agressividade e/ou retração	(Sol) – [Pausa] a gente teve uma formação onde eles orientam...né, observar o aluno, o comportamento... né, a atitude dele... né, e caso a gente perceba alguns sinais ou algumas evidências dessa, então que a escola tem um formulário onde o professor pode fazer esse registro ou a própria coordenação pode fazer esse registro e encaminhar, eu não sei se é, para o Ministério Público ou à Procuradoria, eu sei que é uma parceria de várias instituições... né, visando dar essa proteção vamos dizer assim a essas crianças. [Pausa] no meu caso, eu não fiz nenhum registro. Mas eu sei que na escola teve, como eu [Pausa] estava dizendo a escola tem alguns casos lá... né, de[Pausa] violência contra a criança, de vários gêneros vamos dizer assim. Não é só sexual, mas enfim violência em casa...né e por aí vai. Então existe.
	(Estrela) [...] apesar de nunca ter me deparado com essa situação em minha vida profissional né, [Pausa] eu a partir de cursos de aperfeiçoamento que fiz [Pausa] e conversas com meus colegas de trabalho...né, que já passaram por situações deste tipo no ambiente escolar, eu posso dizer que geralmente alunos que sofrem algum tipo de violência ou são muito retraídos na sala de aula, [Pausa] limitando as conversas com os professores e [Pausa]muitas vezes até com outros alunos...né ou tem episódios de explosão de fúria quando são contrariados por algum colega de sala e [Pausa] acontece até casos mais extremos até com os próprios professores.
	(Raio) Então, né [Pausa] ouvi relatos de outros professores né, que em geral o aluno ou a aluna muda de comportamento né, ou se torna muito retraído ou retraída..., até mesmo agressivo e demonstra né... há sinais que algo não está bem.

Fonte: Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT. FERNANDES(2021).

Os quatro professores entrevistados citam mudanças de comportamento da criança ou do adolescente em situações de violência. Entretanto, os docentes Sol, Estrela e Raio afirmam que, apesar de saberem que existem casos de VCCA diagnosticados pela escola, durante a vida profissional nunca constatarem nenhum caso, mas afirmam saber identificá-los por terem ouvido relatos de colegas sobre como os identificaram. O comportamento dos estudantes, vítimas de violência, relatado pelos/as professores/as entrevistados/as, é comum e genérico e pode não expressar, necessariamente, que eles sejam vítimas de violência sexual. A explosão de fúria mencionada pela Estrela e a agressividade apontada

pela Raio podem, segundo Silva (2016), refletir o que eles vivenciam cotidianamente no ambiente familiar (violência doméstica; violência psicológica), pois, muitos pais ou responsáveis agem, naturalmente, através de maus tratos e modelos agressivos para resolverem problemas no lar. “É importante saber que, em qualquer idade, nem sempre os sintomas são bem definidos”(BRASIL, 2010, p.35), entretanto, frequentemente, a vítima mais demonstra do que conta para os adultos que alguma coisa a perturba ou constrange. Quando uma criança, ou um adolescente, sofre violência, de alguma maneira ela demonstra o que acontece, seja através de gestos, comportamentos diferenciados ou por meio de desenhos. Santos (2011) afirma que crianças e adolescentes demonstram, de diversas maneiras, que estão vivenciando situações de violência, quase sempre de forma não verbal. Contudo, é importante lembrar que tais evidências são compostas não somente por um único sinal, mas por um conjunto de indícios exibidos por crianças e adolescentes, por exemplo, mudanças comportamentais radicais, súbitas e incompreensíveis: oscilações de humor entre os estados de timidez; choro excessivo sem causa aparente; tristeza, abatimento profundo ou depressão crônica; enurese (emissão involuntária de urina); hábito de chupar os dedos, entre outros. De acordo com Sanderson (2005), os sintomas e sinais podem variar de uma criança/adolescente para outra.

Para Santos e Ippolito (2011), os profissionais que estão em contato com as crianças e adolescentes no dia a dia devem estar preparados para reconhecer sinais de violência e perceber tais mudanças. Porém, os professores têm dificuldade em saber quais sinais e sintomas procurar, a fim de agir de modo adequado e proteger a criança e o adolescente. Abrapia (1997) aborda a importância do papel da escola e dos professores na identificação dos casos de suspeita de violência, ressaltando que “identificar os casos de violência contra a criança e o adolescente são obrigações dos profissionais que trabalham com crianças e adolescentes e, em especial, do professor” (ABRAPIA, 1997, p. 6).

Três sujeitos significativos da pesquisa afirmaram ter ouvido relatos de outros professores de casos de VCCA, no entanto, nunca tiveram diante de si, nenhum caso. Esse fato pode significar o seguinte: eles não souberam diagnosticar, não quiseram se envolver, tiveram medo de registrar alguma ocorrência por se sentirem sem preparo para atuar diante do fato, ou do despreparo da direção da escola, ou, ainda, agiram deliberadamente de forma omissa.

Para Vagliati (2014), a omissão dos professores deve-se à ausência de capacitação para identificar o fenômeno e, por isso, eles acabam por não realizar trabalho na prevenção da VCCA.

Os professores devem estar atentos aos sinais e sintomas associados à violência contra a criança e o adolescente. E no contexto do fenômeno da violência sexual, os estudos atestam que a vítima tem a vida afetada, esse ato interfere no seu desenvolvimento cognitivo, compromete a sua saúde física e emocional, com traumas para toda a vida.

O abuso sexual é desvelado pelos excessivos sinais e sintomas que a criança apresenta, através de atitudes e expressões verbais e não verbais emitidas por sintomas, gestos e palavras, tais como: mudança repentina de comportamento, busca de isolamento, reações agressivas, apresentação de masturbação exacerbada, de distúrbios do sono e da alimentação, além da presença de assaduras na genitália, alergias, dor, etc. (BARBOSA, 2008, p. 47).

A violência sexual sofrida por crianças e adolescentes, afirma Vagliati (2014), evidencia mudanças de comportamento:

O abuso sexual contra crianças e adolescentes apresenta-se na forma de marcas que são prejudiciais ao desenvolvimento e podem persistir por toda a vida. Na escola, esses danos podem aparecer como maior agressividade, falta de interesse no brincar, dormir e estudar, formas de demonstrar que algo está acontecendo. Cabe ao professor, a partir de alguns desses sinais, ajudar esse aluno a sair do pacto de silêncio. (VAGLIATI, 2014, p. 173).

Categoria 2: Abordagem utilizada com estudantes vítimas de violência

Quadro 5 – Unidades de sentido e de significado das respostas dos sujeitos significantes sobre a abordagem utilizada com estudantes vítimas de violência

Unidades de Sentido	Unidades de significado
Diálogo/ Conversa sobre o problema	(Brilho) Com diálogo. Pois quando fiquei sabendo já havia acontecido há algum tempo [...] Foram duas alunas do nono ano. Fizeram o desabafo durante uma das nossas aulas, relataram abertamente para todos os colegas. Após o relato, conversei com a coordenadora da escola para acompanhamento [...] E eu mesma continuei dialogando com elas. Uma delas fez acompanhamento psicológico após a família descobrir. A outra não. [...] no meu ponto de vista, falta apoio psicológico para os professores lidarem melhor com essa questão.
Não tem segurança no procedimento	(Raio) Acredito que sim, que... é complicado né [...] porque eu acho que [...] pois requer conhecimento, e também de estratégias que possam né, acredito que conversar sobre esse problema pode ajudar essas crianças no combate à violência. (Sol) Então, assim [...] é [...] como eu disse, eu acabei não registrando nenhum caso especificamente, [...]Eu não tive assim nenhuma criança né que eu tenha observado ou que tinha vindo falar sobre esse problema diretamente pra mim, mas a gente sabe que tem vários outros colegas da escola que tiveram ou conquistaram a confiança dessas crianças e elas se abriram e falaram desses problemas né. [...] a criança tem que ser acolhida, tem que ser amparada, vamos dizer assim, independente da área, né. Porque igual eu estava dizendo essa é uma questão de relação de confiança.

Fonte: Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT. FERNANDES(2021).

Foi possível perceber que os(as) professores/as que não contataram, em sua vida profissional, alunos que sofreram violência, não se sentem seguros para agir, lidar e acolher os(as) discentes vitimados(as). Raio alega que é preciso ter conhecimento sobre o assunto para conversar sobre o problema e criar estratégias para combater a VCCA, especialmente a violência sexual. Brilho aposta no diálogo, e ressalta que falta apoio psicológico para que os professores possam lidar melhor com essa questão. Sol, por sua vez, afirma que se deve estabelecer uma relação de confiança entre o(a) estudante e o(a) docente, afim de que o entendimento sobre o contexto da VCCA e, pontualmente, sobre a violência sexual seja revelado e assim prestar o acolhimento e a proteção necessária e efetiva.

Santos e Ippolito (2009) enunciam que, além da tarefa de identificar os sinais e sintomas em crianças e adolescentes vítimas de violência, outra missão é a de estabelecer uma relação de confiança e transparência, sem preconceitos e moralismos com as crianças/adolescentes vitimados e suas famílias.

Estrela não quiz discorrer sobre a pauta da entrevista - o modo que você lida com alunos que sofrem violência -, e respeitando-se sua decisão em conformidade com o acordo estabelecido no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética, de que em caso de se sentir constrangida/desconfortável com alguma questão exposta pelo pesquisador, tem o direito de se recusar a responder e de retirar o seu consentimento da pesquisa a qualquer tempo sem qualquer prejuízo ou julgamento crítico. Assim, não se insistiu que Estrela falasse sobre a pauta proposta.

Categoria 3: O papel da escola e do professor no enfrentamento à VCCA

Quadro 6 - Unidades de sentido e de significado da respostas dos sujeitos significantes sobre o papel da escola e do professor no enfrentamento à VCCA

Unidades de Sentido	Unidades de significado
---------------------	-------------------------

Notificação as autoridades, amparo a vítima, diálogo com a família e ações de prevenção	(Brilho) Quando se identifica um caso de violência, o professor informa imediatamente a direção da escola que faz os encaminhamentos necessários ao atendimento imediato do aluno pelos órgãos competentes, no caso o conselho tutelar. [...], dialoga com o aluno e a família em casos que envolvem terceiros e também trabalha com prevenção e incentivo à denúncia abrindo espaços para palestras por instituições que trabalham o tema e incluindo o assunto no conteúdo das aulas sobre temas que permitem o relacionamento. [...] Muitas vezes há o acompanhamento individual do aluno ou da aluna, quando buscam conversar diretamente com o professor.
Notificação as autoridades	(Sol) O papel nosso ele é fundamental, é decisivo [...] qualquer mudança de comportamento, atitude, a escola tem que estar sempre atenta observando né e notificar esses casos [...].
Notificação as autoridades e amparo a vítima	(Raio) Então eu acho que tanto o meu papel quanto o da escola é de fundamental importância, principalmente na denúncia dos casos [...] no entanto é necessário que haja um maior empenho no que diz respeito ao amparo dessas crianças que sofrem a violência, mas também as que não sofrem.
Notificação as autoridades, amparo a vítima e diálogo com a família.	(Estrela) Não posso dizer o meu papel, pois como disse anteriormente, não tenho experiência vivida neste tipo de situação [...] porém posso dizer os procedimentos que a escola geralmente faz quando há uma suspeita que o alunos está sofrendo algum tipo de violência. Primeiramente desenvolve um diálogo individualizado com aluno para ver se ele fica à vontade para contar espontaneamente dos seus dilemas se assim desejar... geralmente isso é feito com a coordenação e um psicopedagogo, depois se confirmado pelo aluno algum tipo de violência é feita uma reunião com a família do aluno, para um melhor esclarecimento dos fatos [...] esse aluno vai ser observado para ver se apresenta mudança em seu comportamento, se o quadro não se reverter, o conselho tutelar é acionado para tomar as medidas cabíveis.

Fonte: Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT. FERNANDES(2021)..

Todos os sujeitos entrevistados, mesmo os que afirmaram não terem vivenciado situações, e os que tiveram alunos vítimas de violência, sabem que podem e devem notificar as autoridades competentes, mesmo em casos de suspeita, pois têm amparo no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). O Estatuto, em seu artigo 245, informa que:

Deixar o médico, o professor ou o responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar a autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus- tratos contra a criança ou adolescente: Pena: multa de tres a vinte salarios minimos de referencia, aplicando-se em dobro em caso de reincidencia. (ECA, 1990).

A notificação é obrigatória para os profissionais da saúde e educação, que devem comunicar ao Conselho Tutelar,

[...]mas muitos desconhecem isso e têm dificuldades de identificar a ocorrência de práticas de violência. A efetividade dos mecanismos de denúncia e notificação garante a possibilidade não apenas de atendimento às vítimas, mas também de responsabilização e tratamento dos agressores, evitando a impunidade e o ciclo repetitivo da violência. (CONANDA, 2010, p. 16).

Segundo Oliveira, Silva e Maio (2020), o combate a VCCA e, especialmente, a VCSA “deve envolver as mais variadas instituições de atendimento à criança e ao/à adolescente, incluindo as escolas como um locus de prevenção, de proteção e de tratamento de informações imprescindíveis para assegurar o direito à dignidade das crianças e dos/as adolescentes” (p.13).

De acordo com Santos e Ippolito (2009), notificar os casos de suspeita pode contribuir para interromper o ciclo da violência sexual e, por outro lado, se não houver denúncia pode acarretar até o suicídio da criança ou do adolescente. Estudos mostram que crianças que foram abusadas sexualmente sofrem de culpa, baixa autoestima, problemas com a sexualidade e dificuldade em construir relações afetivas duradouras. Portanto, quanto antes elas receberem apoio educacional, médico e psicológico, maiores serão as chances de superação e de terem, futuramente, uma vida adulta mais prazerosa e saudável.

Somente Brilho, por ter conhecimento e presenciado situações com as crianças, relata que além da ação legal (notificar as autoridades competentes) a escola deve amparar a vítima e sua família, mas também precisa desenvolver ações de prevenção e de enfrentamento da VCCA, além de propor a inclusão desse tema em sala de aula para preparar crianças e adolescentes a lidar com essas situações, especialmente a violência sexual.

A escola, em sua função formadora, tem um papel fundamental na desconstrução da violência, incluindo a violência sexual e da cultura da inferiorização de gênero. E essas relações precisam ser trabalhadas em suas múltiplas dimensões: cultural, educativa e afetiva para interromper o ciclo da violência (FALEIROS;FALEIROS, 2008). Esses autores mencionam que os agressores não enxergam seus atos como violência porque já vivenciaram, desde a infância, o mesmo comportamento dos pais e integram psicologicamente a conduta violenta como normal. É necessário, portanto, que a escola desconstrua as representações ancoradas no poder de um e submissão do outro, a fim de permitir a construção de relações respeitadas e mais saudáveis em todas as esferas sociais.

Embora a escola seja o local que possibilite a identificação e a notificação dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes (BRINO, WILLIAMS, 2003a), a atuação é considerada incipiente nesses casos (ROCHA, LEMOS, LIRIO, 2011). Isto porque o enfrentamento da VSCA depende da formação docente, da confiança estabelecida entre o docente e o estudante e o preparo da equipe gestora da escola para lidar com esses casos (OLIVEIRA, SILVA, MAIO, 2020).

Categoria 4: VSCA e a relação com o componente curricular Ciências

Quadro 05 – Unidades de sentido e de significado das respostas dos sujeitos significantes sobre a VSCA e a relação com o componente curricular Ciências

Unidades de Sentido	Unidades de significado
Insero o tema em todas as oportunidades que cabe discutir a violência sexual	(Brilho) Sempre procuro inserir o tema da violência sexual em todas as oportunidades em que cabe o tema de forma espontânea , no entanto também dedico todos os anos atividades específicas sobre o tema quando trabalho a educação sexual, com o objetivo de ajudar os alunos e alunas a identificarem e a denunciarem, caso se depare com a situação. [...] exemplos de atividades como vídeos educativos, cartazes, textos, debates sobre casos que aparecem na mídia ou comunidade são discutidos em sala de aula.
Não especifica em qual dos objetos de conhecimento trata da violência sexual.	(Sol) Então eu,...eu...é tenho trabalhado quando eu vou, mais especificamente...é, quando eu vou adentrar aquela parte dos sistemas né , eu discuto mais essa questão de sistema genital, antes de trabalhar essa questão da biologia é,... eu procuro trabalhar essa questão da sexualidade né, discutir a educação sexual, qual a importância disso, enfim, aí a gente vai discutindo a questão de gênero, sexualidade, enfim, discutir hoje essas orientações sexuais diferentes né, e que merecem respeito também né, por todos, que nem eu falo para eles né..

<p>Não trabalha a violência sexual</p>	<p>(Raio) eu acredito que não há um momento específico para se trabalhar o assunto, acredito que quanto mais natural parecer a aula é possível trabalhar o assunto, [...] seja numa conversa para saber como foi o fim de semana do aluno, da aluna, se dormiu bem, enfim, são simples questionamentos que podem dar sinais que algo não está indo bem [...] durante esse curto período de que tive com os alunos não trabalhei em específico assunto na disciplina de ciências, mas houve a necessidade de abordar o assunto dentro da temática educação sexual, pois na escola houve casos de violência sexual e os alunos souberam e questionaram, então foi o momento de conversarmos sobre o assunto.</p>
<p>Traz outros profissionais para tratar da violência sexual.</p>	<p>(Estrela) Esse tema é bem delicado para se trabalhar em sala de aula, visto que [...] ainda é um tabu a educação sexual para muitas famílias e... por esse fato ainda tem resistência para esse tema no ambiente escolar, porém eu procuro, na medida do possível, trabalhar esse tema da violência sexual com palestras chamando outros profissionais da saúde e psicólogos também.</p>

Fonte: Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT. FERNANDES(2021).

Entre as competências específicas da área de Ciências da Natureza para o Ensino Fundamental é possível tratar do tema violência sexual no contexto das competências 5 e 7 da BNCC.

5. Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o **respeito a si próprio e ao outro**, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.

[...]

7. **Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreenden do-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro**, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias (BNCC, 2017, p.324, grifo nosso).

Das três unidades temáticas do componente curricular da área das Ciências da Natureza, a temática Vida e Evolução propõe o estudo de questões relacionadas aos seres vivos (incluindo os seres humanos), suas características e necessidades, e a vida como fenômeno natural e social, os elementos essenciais à sua manutenção e à compreensão dos processos evolutivos que geram a diversidade de formas de vida no planeta (BNCC, 2017).

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à **sexualidade humana**, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária. [...] Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o **impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo**. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem **autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva** (BNCC, 2017, p.327, grifo nosso).

Diante das orientações do BNCC, na área de Ciências da Natureza, o tema “violência sexual” se apresenta como uma questão complexa e polêmica a ser trabalhada como objeto de conhecimento da unidade temática Vida e Evolução. Não se tem a violência sexual como objeto de conhecimento e nem uma habilidade a ser desenvolvida para capacitar os estudantes a identificar a violência sexual nos objetos de conhecimento da unidade temática Vida e Evolução — Programas e indicadores de saúde pública: Mecanismos Reprodutivos e Sexualidade —, o que justifica e alimenta a afirmação dos(as) professores/as, sujeitos significativos da pesquisa, de que trabalham a violência sexual como objeto de conhecimento apenas quando os estudantes ficam sabendo de algum caso de violência sexual na escola. Então, somente os casos concretos tornam-se o momento propício para abordar o assunto em sala de aula. Os professores

se acomodam com a lacuna no BNCC sobre a temática, por não estar explícito como competência, habilidade e objeto de conhecimento a violência sexual, além de destacarem o tema como problemático à medida que famílias não querem que a escola fale sobre sexualidade e, conseqüentemente, sobre violência sexual.

Estrela, por sua vez, se expressa sobre a temática violência sexual, considerando-a um tema muito delicado, porque, para muitas famílias, falar sobre a sexualidade ainda é um tabu e, por esse motivo, há resistência para abordar esse conteúdo em sala de aula: “eu procuro, na medida do possível, trabalhar esse tema da violência sexual com palestras chamando outros profissionais da saúde e psicólogos também”. Sol titubeou ao falar sobre o tema, não especificando em qual dos objetos de conhecimento trabalha a violência sexual. Ela relatou que procura trabalhar esse tema quando discute as orientações sexuais, abordando-o nos conteúdos do Mecanismo Reprodutivo e Sexualidade.

Independente de o tema violência sexual estar explícito na BNCC é importante que, ao término do Ensino Fundamental, no que se refere ao componente curricular Ciências, os estudantes “tenham condições de ser protagonistas na escolha de posicionamentos que valorizem as experiências pessoais e coletivas, e representem o autocuidado com seu corpo e o respeito com o do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva” (BNCC, 2017, p.343). Essa competência é uma brecha para que o professor trate do tema violência sexual.

De acordo com Landini (2011), a violência sexual é considerada um problema que deve ser relacionado à sexualidade. Prevenir a violência sexual significa discutir a sexualidade com crianças e adolescentes para mantê-los longe do contato com possíveis agressores e prepará-los para lidar com situações reais, ensinando-os a se proteger, dizendo não, gritando, correndo ou discando 100.

Para Vagliati (2014), o professor, além de dominar e ensinar sobre a sexualidade, precisa, principalmente, saber conduzir debates sobre a realidade sexual dos seus discentes, incluindo dúvidas, anseios sobre mitos e tabus que geram opressão de um sexo sobre o outro. E para que aconteça, de fato, essa educação sexual emancipatória, é necessário capacitar os professores para prevenir as inúmeras formas de violação dos direitos das crianças e adolescentes, ajudá-los e as suas famílias a lidarem, de modo consciente, com a sexualidade, contribuindo para identificar e atender adequadamente os que sofrem violência.

É preciso, portanto, investir na formação docente de modo qualificado e competente, para que os/as professores/as não reproduzam confusões conceituais e não interpretem equivocadamente as teorias que discutem, por exemplo, as questões sobre violência sexual infantil (LIMA & MAIO, 2014 *apud* OLIVEIRA *et al* 2020)

Segundo Vagliati (2014), a identificação e a prevenção da violência sexual requer que os profissionais envolvidos saibam como lidar com as questões relacionadas à VSCA e estejam abertos para conversar sobre sexualidade com segurança. Por isso, não se pode deixar de refletir sobre a importância de uma formação continuada para capacitar os profissionais da educação diante da violência sexual sofrida pelos alunos. “Os profissionais que trabalham com crianças e adolescentes precisam estar preparados para agir diante da suspeita ou confirmação de violência sexual” (DUARTE, PATIAS, HOBENDORFF, 2022, p.637).

Destaca-se a importância de a escola promover uma educação emancipatória desde a infância, pautada no respeito e no conhecimento do ser humano como um todo, ensinando às crianças e aos adolescentes seus direitos, assegurando-lhes ações preventivas contra a violência sexual. Os objetos de conhecimento de Ciências voltados para a sexualidade podem ser trabalhados por meio de diferentes linguagens e materiais diversos, considerando a etapa de desenvolvimento dos estudantes sobre a

constituição do corpo e sobre os cuidados que se deve ter com ele, a fim de promover a prevenção da violência e do abuso sexual

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as atribuições dadas à escola, a proposta deste estudo foi compreender a percepção dos professores, graduados em Ciências Biológicas, de escolas públicas de bairros com maior registro de estupro e abuso sexual, do município de Cáceres-MT, sobre o papel da escola e dos objetos de conhecimento do componente curricular Ciências a respeito da problemática e do enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes (VSCA).

O papel da escola de proteção à criança impõe o compromisso ético e legal de denunciar às autoridades competentes os casos de suspeita ou confirmação de violência doméstica/intrafamiliar, o que inclui a violência sexual. Por outro lado, é possível constatar, nesta pesquisa, o receio dos professores de se envolverem com problemas intrafamiliares, pois três docentes das escolas que se localizam no bairro em que ocorreu o maior registro de estupro e abuso sexual, negam ter observado situações de VCCA e também de violência sexual, entre os alunos, o que pode significar que não souberam diagnosticar, se sentem despreparados, mas também dão a entender que não quiseram se envolver. O receio de os professores se envolverem nos casos é maior do que a obrigação da proteção e o cuidado com as crianças e os adolescentes. Um único docente afirmou ter diagnosticado o caso e se propôs a enfrentar o problema com trabalho de prevenção, na perspectiva de cumprir com a obrigação da proteção e do cuidado à criança e ao adolescentes. Desse modo, forneceu-lhes conhecimento e informações sem preconceitos ou moralismos, ao desenvolver, como objeto de conhecimento a violência sexual incluso no componente Curricular Ciências, a fim de que seus discentes pudessem criar estratégias de defesa, fortalecendo-se e prevenindo-se de relações abusivas em diferentes situações na vida social.

Conforme mencionado anteriormente, o tema “violência sexual” não se apresenta como objeto de conhecimento e nem há uma habilidade a ser desenvolvida para capacitar os estudantes a identificar a violência sexual nos objetos de conhecimento da unidade temática Vida e Evolução da área de Ciências. Por outro lado, o tema pode ser sustentado no compromisso do Ensino Fundamental que é o de “considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas” e também a competência de “conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro” (BNCC, 2017, p.61;324), o que vai depender do compromisso de cada educador com o seu papel e com a proteção e o futuro da gerações. Isso nos remete à afirmação de Arendt (1957), quando diz que o professor tem a responsabilidade de mostrar à criança o funcionamento do mundo em que ela está inserida. “Os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é”(Arendt,1957, p.10). E quem se recusa a assumir a responsabilidade pelo mundo não lhe deveria ser permitido participar na educação (Arendt,1957). E, de certa forma, Oliveira, Silva e Maio (2020) concordam com Arendt(1957) ao afirmar que tratar da VSCA é

[...] necessário, uma vez que os/as profissionais da escola possuem responsabilidades no contexto de práticas que previnam que as crianças e os/as adolescentes tenham vidas fadadas a sofrimentos produzidos pelas situações de violência ou de abuso sexual. Observa-se que, ao escolher a carreira docente, a preservação da vida da criança e do/a adolescente se torna um elemento central no compromisso social do/a professor/a (p.20)

O professor de Ciências, entre o conjunto dos professores da escola, encontra mais espaço em sua área para tratar dos assuntos relacionados à VCCA e a VSCA. A área de Ciências, que trata da compreensão dos processos biológicos, do cuidado com o corpo humano, do desenvolvimento dos seres vivos e das consequências das ações humanas sobre a natureza e sobre os humanos. Isto porque, nela, os professores podem oferecer aos estudantes os conhecimentos sobre os cuidados relacionados ao corpo, enfatizando informações sobre atitudes e comportamentos agressivos de outros indivíduos, informando as redes de proteção a serem acionadas quando os estudantes se sentirem ameaçados; enfim, dando-lhes segurança quanto à busca de abrigo e proteção e prevenção de relações abusivas em diferentes espaços da vida social. Ressalta-se, ainda, que, embora este estudo tenha apresentado algumas limitações, realizado apenas com os professores da área de Ciências Naturais, o tema VCCA e VSCA pode e deve ser debatido por outras áreas do conhecimento, permeando a concepção dos diferentes componentes curriculares, unidades temáticas objetos de conhecimento e habilidades.

As escolas escolhidas, por terem o maior registro de VSCA não apresentam, segundo os sujeitos significativos entrevistados, nenhum projeto de enfrentamento à VCCA e muito menos à violência sexual. Os professores entrevistados, da área de Ciências da Natureza, não apresentaram, em seus planos de aula, conteúdos específicos relacionados à violência sexual, mas procuraram abordar o tema indiretamente, em sala de aula, quando trabalharam o Mecanismo Reprodutivo e a Sexualidade. Tratam o tema como uma questão complexa e polêmica para trabalhar como objeto de conhecimento na disciplina de Ciências, mas enfatizam que podem contribuir para o conhecimento dos alunos sobre a violência sexual. Diante dos relatos dos professores entrevistados, não se pode deixar de refletir sobre a importância de uma formação para os profissionais da educação que envolva o tema da VCCA, expondo a violência sexual, de modo a auxiliá-los a abordar essa temática em sala de aula e a lidar melhor com os estudantes que sofrem ou sofreram violência sexual.

Acredita-se que ações na escola sejam de suma importância para interromper o ciclo da violência sexual, considerando que a instituição escolar deve se assumir enquanto lugar de proteção, zelo e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes. Sabe-se que a escola não irá solucionar a problemática que permeia a violência que atinge os estudantes, mas, com certeza, é um dos possíveis locais para orientar crianças e adolescentes a enfrentá-la.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTI-PROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFANCIA E ADOLESCENCIA. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção – guia de orientação para educadores*. Petrópolis, RJ: Autores & Associados, 1997.

ALMEIDA, Erinelma de Azevedo. *Rede de proteção a crianças e adolescentes em situação de violência sexual na cidade de Manaus*. 2020.143 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

ARENDT, Hannah. *A crise na Educação*, 1957. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf Acesso em 27 set.,2024.

ASSUNÇÃO, Admilson Mário de. *Narrativas silenciadas*. 2011. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2011.

AZEVEDO, Alda Elizabeth Boehler Iglesias. *Estudo epidemiológico de abuso sexual e fatores associados entre crianças e adolescentes assistidos no Hospital Universitário Júlio Müller, Cuiabá-MT*. 2013. 136 f. Dissertação

(Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Saúde Coletiva, Cuiabá, 2013.

BARBOSA, G. F. *Formas de prevenir a violência sexual contra a criança na escola - um olhar da psicanálise e da saúde pública*. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Subjetividade nas Práticas das Ciências da Saúde, Rio de Janeiro, 2008.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Orgs). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 15-22.

BICUDO, M. A. V. *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011. 246 p.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde*. Brasília: 2010. 104 p.: il. - (Série F. Comunicação e Educação em Saúde) ISBN 978-85-334-1688-8.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CONANDA – CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Comitê Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *O processo de revisão do Plano Nacional: relatório de acompanhamento 2007- 2008*. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.comitenacional.org.br/files/anexos/05-2009_Livro-Processo-de-Revisão_lorzwzm.pdf

DUARTE, Thaina de Moraes; PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean, Von. Crenças de professores sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. *Psico-USF*, v. 27, n. 4, p. 635-648, out.2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/CB3YjngYnG3PMGKmfjNwnB/#> Acesso 27 set.,2024.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. *Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

FERNANDES, Raquel Martins. *O olhar, a menina dos olhos, única e total: compreensão fenomenológica do Programa Meninas dos Olhos de Deus e das dimensões da Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes em interface com a educação*. 2012. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, MT,2012.

FERNANDES, Cátia Aparecida Miguel. Dissertação Violência sexual: a percepção de professores da área de ciências da natureza dos anos finais do ensino fundamental da rede pública do município de Cáceres/MT, 2021, 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-graduação em Educação, Cáceres,MT, 2021.

GONSALVES, Maria da Silva. *Educação e Desenvolvimento: Temas Emergentes nas Ciências Biológicas*. São Paulo: Editora ABC, 2013.

LANDINI, Tatiana Savoia. *O professor diante da violência sexual*. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção educação e saúde; v.4).

MORAES, Julianne Caju de Oliveira Souza. *Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita*. 2017. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2017.

OLIVEIRA, Marcio de; SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da; MAIO, Eliane Rose. Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção e denúncia. *Perspectiva*, [S. l.], v. 38, n. 4, p. 1–23, 2020. DOI: 10.5007/2175-795X.2020.e65526. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/65526>. Acesso em: 27 set. 2024.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da; LEMOS, Flávia Cristina.; LIRIO, Flávio Corsin. Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Brasil: políticas públicas e o papel da escola. *Cadernos de Educação*, n. 38, 2011, p.259-287.

SANDERSON, Christiane. *Abuso Sexual em crianças*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005. ISBN: 85-89384-76-4.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. *Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual*. São Paulo: Childhood - Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da Cidade de São Paulo. Secretaria de Educação, 2009.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. *Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Seropédica, RJ: EDUR, 2011. ISBN 978-85-8067-008-0.

SANTOS, Elenice Martins da Silva. *Abuso sexual contra criança e adolescente: análise de inquéritos*. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Enfermagem, Cuiabá, 2019.

SILVA, Maria Aparecida da. *A percepção dos professores frente a violência doméstica contra a criança: um estudo de caso*. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Programa de Pós-graduação em Educação, Cáceres-MT, 2016.

VAGLIATI, Ana Carla. *Gritos do Silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar*. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, PR, 2014.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES

Fernandes – Coordenadora do estudo, responsável pela coleta dos dados, análise e redação.
Tiellet – Orientação, participação na análise dos dados e na revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.